



7 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 20 de dezembro de 2024

Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quinta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quinta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,34% São Paulo	123.560 16/12 17/12 18/12 19/12	R\$ 6,123 (- 2,27%)	R\$ 1.412	R\$ 6,345	12,15%	12,29%	Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39

CONJUNTURA

BC afina discurso em intervenção recorde

Campos Neto e Galípolo se mostram alinhados no dia em que autarquia injeta US\$ 8 bilhões para segurar a alta do dólar

» ROSANA HESSEL

Ed Alves/CB/DA.Press

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, antecipou em uma semana a saída do cargo e chamou, ontem, o seu sucessor, o diretor de Política Monetária do BC, Gabriel Galípolo, para fazer a passagem simbólica de bastão, e dar vários recados ao mercado.

O principal deles foi que a transição do comando do BC está sendo pacífica e que a atual política monetária será mantida pelo escolhido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que culpou Campos Neto pelos reveses na área econômica. O titular do BC contou que sairá em recesso, a partir de hoje, e Galípolo assumirá interinamente a presidência. A partir de janeiro, passará a ser o presidente do Banco Central, exercendo o mandato pelos próximos quatro anos.

Enquanto o atual e o próximo presidente do BC falavam, o dólar subia, mesmo com duas intervenções do autoridade monetária no mercado de câmbio (*leia reportagem ao lado*). Ambos consideraram a forte desvalorização do real como atípica e resultado de um aumento do fluxo das empresas estrangeiras que mandam recursos para o exterior. Reforçaram compromisso de levar a inflação para o centro da meta, de 3%, e de manter os juros no campo restritivo “o quanto for necessário”.

Campos Neto fez questão de afirmar que a decisão mais dura com a inflação do Comitê de Política Monetária (Copom) foi liderada pelo futuro presidente do BC. Galípolo foi taxativo em relação a esse compromisso. Disse que a instituição vai buscar o juro restritivo para economia necessário para perseguir a meta de inflação. Ele contou que tem conversado com o presidente Lula, e que o chefe do Executivo manifestou confiança sobre o trabalho realizado no Banco Central.

“O Banco Central tem todas as ferramentas necessárias para



Existem, sim, problemas fiscais a serem endereçados. Nenhum programa vai ser uma bala de prata e não dá para buscar falsos atalhos”

Gabriel Galípolo,
futuro presidente do BC

perseguir e atingir a meta, sim, seja do ponto de vista técnico da política monetária, seja do ponto de vista institucional. O BC tem toda a autonomia, tem toda a confiança do presidente da República também”, garantiu Galípolo durante a apresentação do **Relatório de Inflação**, avaliado com as novas projeções macroeconômicas do BC.

A instituição admitiu que

Relatório de Inflação

Pelas novas projeções do Banco Central, divulgadas, ontem, no Relatório Trimestral de Inflação (RTI), o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano crescerá 3,5% em vez dos 3,2% estimados no relatório anterior, de setembro. A projeção para a inflação oficial deste ano, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), passou de 4,3% para 4,9%, acima do teto da meta, de 4,5%. Para 2025, o BC elevou de 2% para 2,1% a estimativa de crescimento do PIB e a previsão para a inflação foi revisada de 3,7% para 4,5%.

haverá estouro do teto da meta de inflação, de 4,50%, neste ano. Com isso, será a terceira vez na gestão de Campos Neto que o BC descumprirá a meta determinada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Uma carta será enviada para o presidente do Conselho, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, justificando o fato. Campos Neto destacou que

nenhum país atingiu a meta de inflação neste ano. “Acho que a gente precisa colocar essa informação num contexto global de um fator muito ativo e tudo o que aconteceu na pandemia. É preciso entender que o BC fez adaptações no momento em que tivemos uma situação muito extraordinária, que os modelos, inclusive, tinham dificuldade de

caracterizar coisas que a gente olhava com frequência”, afirmou o presidente do BC. Ele ressaltou que a instituição, inclusive, foi muito elogiada por ter sido a primeira a aumentar a taxa de juros e que, por isso, recebeu vários prêmios internacionais. “Olhando para trás, o BC foi muito proativo, mas passamos por um surto inflacionário global”, acrescentou.

Entendemos que começou a ter uma saída atípica (de dólares) no fim do ano. O BC tem muita reserva (cambial) e vai atuar quando for necessário”

Roberto Campos Neto,
atual presidente da autarquia

Esforço para evitar ruídos

Campos Neto comentou que, no Relatório de Inflação, o BC destacou que o pacote fiscal do governo gerou uma frustração no mercado, que considerou o corte de cerca de R\$ 70 bilhões insuficiente para estabilizar a trajetória de crescimento da dívida pública. E, em relação aos leilões de ontem, nos quais o BC injetou mais US\$ 8 bilhões no mercado, ele afirmou que a medida foi devido ao aumento do movimento atípico de saída de dólares do mercado devido ao maior volume de remessas de empresas estrangeiras para as matrizes no exterior.

“Nós entendemos que começou a ter uma saída atípica (de dólares) no fim do ano. A parte de dividendos paga pelas empresas estava acima da média. A gente começou a perceber que o fluxo financeiro estava bastante negativo”, disse Campos Neto. E, apesar dos leilões recentes desde a semana passada, o dólar tem se mantido acima de R\$ 6. E, para minimizar o fato, ele afirmou que “o BC tem muita reserva (cambial) e vai atuar quando for necessário”.

Galípolo, por sua vez, disse que não vê ataque especulativo coordenado contra o real e informou que conversou com Lula após a publicação da ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). O diretor de Política Monetária do BC reconheceu que há muito ruído na comunicação junto ao mercado. Quanto à questão fiscal, voltou a afirmar que não há nenhuma bala de prata para resolver o problema. “Existem, sim, problemas fiscais a serem endereçados. Nenhum programa vai ser uma bala de prata e não dá para buscar falsos atalhos”, afirmou Galípolo.

A sintonia entre Galípolo e Campos Neto foi bem recebida por analistas de forma geral, mas ainda será preciso ver como será a gestão dele na prática. “Acho que eles tentaram reduzir os ruídos presentes no mercado. E Galípolo não aumentou o nível de incerteza e fez isso de dois modos. Primeiro, elogiando a autonomia do Banco Central e a segunda ideia foi que ele não comprou a teoria do governo de que existe um choque especulativo do mercado contra o real”, destacou Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV.

É consenso entre analistas, entretanto, que a questão fiscal ainda vai pesar mais na volatilidade do câmbio. Nesse contexto, será de pouca serventia o BC intervir no mercado com muita frequência. O pacote fiscal aprovado, ontem, pelo Congresso, segue visto como insuficiente para reverter a trajetória de crescimento da dívida pública em relação ao PIB. (RH)

Analistas veem sinais positivos

» RAPHAEL PATI

Após bater recorde no dia anterior, o dólar voltou a cair ontem, após o Banco Central realizar dois novos leilões no valor de US\$ 8 bilhões durante a manhã. Foi a maior intervenção cambial do Banco Central desde 1999, quando o país passou a adotar o câmbio flutuante. Com a ação do BC, o dólar fechou o dia em queda de 2,32%, cotado a R\$ 6,12. Antes da venda, o dólar chegou a atingir o maior valor nominal da história, em R\$ 6,30, mas foi contido pela injeção de divisas no mercado feita pelo BC.

Apesar da queda forte, o dólar ainda chega ao último dia da semana que antecede o Natal em ritmo de alta. Desde a última segunda-feira, o câmbio acumula valorização de 2%.

Na avaliação do sócio e economista-chefe da Bluematrix

Asset, Renan Silva, a venda estratégica de dólares ajudou a conter a pressão previamente imposta sobre a taxa de câmbio, além de demonstrar a força da política monetária em momentos de alta volatilidade. “A redução na cotação do dólar pode ser interpretada como um sinal positivo para a estabilidade financeira, embora ainda subsistam preocupações quanto à inflação e ao cenário econômico global”, avalia.

Nos Estados Unidos, foi divulgado ontem o resultado do PIB do 3º trimestre, que avançou 3,1% durante o período, levemente acima do esperado pela média das projeções feitas pelo mercado financeiro, que apostava em um avanço entre 2,8% e 2,9%. O resultado ajudou a valorizar o dólar no mercado internacional, na avaliação do economista.

“As novas informações sobre o PIB dos Estados Unidos,

juntamente com a desaceleração do núcleo do índice de preços de gastos com consumo (PCE), também podem impactar a percepção dos investidores sobre o mercado financeiro, uma vez que a performance robusta da economia americana pode afetar o fluxo de capitais e a atratividade do real frente ao dólar”, completou.

Para o professor de Economia do Ibmec-DF William Baghdassarian, no entanto, o patamar elevado do câmbio atualmente é “extremamente tóxico” para a economia. “A gente não se apropria disso para exportação, em função da dificuldade que é você se inserir nessas cadeias internacionais de valor. Tem que ter contratos de longo prazo, autorizações, barreiras fitossanitárias. Os volumes são muito elevados, isso não é uma coisa que você faz de uma hora para a outra”, destaca. No Congresso Nacional, a

Rafael Neddermeyer/Fotos Públicas



Desde 2ª-feira, o dólar acumula uma valorização de 2% sobre o real

aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 45/2024, enviada pelo governo federal e que prevê medidas de corte de gastos, foi positiva para conter o estresse do mercado — pelo menos, parcialmente, — na tarde de ontem, como avalia a gerente de Research e head de conteúdo da Nomad, Paula Zogbi. “Antes

da decisão, o dólar recuava sem apoio de outros ativos domésticos, com o estresse sendo sentido nos juros, o que reforça que a indicação de uma postura mais cooperativa em torno do pacote fiscal é fator essencial para diminuir o sentimento de aversão a risco no mercado brasileiro”, destacou.